DOI: https://doi.org//10.21747/16466195/ling16a3

Questionário sociolinguístico parental para famílias emigrantes bilingues (QuesFEB): uma ferramenta de recolha de dados sociolinguísticos de crianças falantes de herança[1]

Liliana Correia
lilianamocorreia@gmail.com
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Portugal)

Cristina Flores
cflores@elach.uminho.pt
Centro de Estudos Humanísticos, Departamento de Estudos Germanísticos e Eslavos, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho (Portugal)

ABSTRACT

Empirical research in the field of bi-/multilingualism has shown that the acquisition of two (or more) languages during childhood is significantly influenced by the sociolinguistic experience of each individual, namely by the quantity and the quality of language exposure to the target languages (Unsworth 2016a). In fact, the heterogeneity of sociolinguistic contexts in which bilingual acquisition takes place leads to variation in the quantity and quality of the input to which bilingual children are exposed on a daily basis, which, in turn, originates individual variation in the levels of language development in the languages under acquisition, mainly, in the minority language (also known as heritage language/HL; cf. Montrul 2016). In order to assess the effect of language experience on bilingual development, studies usually resort to sociolinguistic questionnaires, which allow the researcher to outline the sociolinguistic profile of the subjects under analysis, as well as to obtain crucial information about predictive variables of bilingual development (see Unsworth 2019). In this paper, we present a sociolinguistic questionnaire, in Portuguese, developed for the collection of data on the sociolinguistic experience of bilingual children, between the ages of six and ten, with a migration background – the *Questionário Sociolinguístico Parental para Famílias Emigrantes Bilingues* (QuesFEB). This parental questionnaire, intended for researchers who conduct studies in the field of heritage bilingualism, has as its main objective the collection of biographical and

[1] O questionário foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação "A influência de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças bilingues. Um estudo sobre falantes de herança do Português Europeu residentes em diferentes contextos migratórios", o qual é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), pelo Fundo Social Europeu (FSE) e pelo Programa Operacional Capital Humano (POCH), através da bolsa de doutoramento com a referência SFRH/BD/138397/2018.

sociolinguistic information not only for the detailed characterisation of the context in which bilingual children acquire the heritage language, but also, and mainly, for the quantification of their language experience in the target language, enabling the assessment of the effect that variables related to input quantity and quality have on that language. Besides providing a detailed description of the content of the sections that compose the QuesFEB, we will present, in detail, the method of codification and calculation of four key variables that have been found to be predictive of HL development, namely: (i) current quantity of HL use (i.e., input and output) in the household; (ii) quantity of cumulative exposure to the HL in the household; (iii) quantity of HL use (i.e., input and output) with migrant grandparents who are native speakers of the language of origin; and (iv) richness of the language exposure to the HL.

KEY-WORDS
parental sociolinguistic questionnaire, child bilingualism, heritage language, child heritage speakers, sociolinguistic experience

RESUMO
A investigação empírica na área do bi-/multilinguismo tem revelado que a aquisição de duas (ou mais) línguas durante a infância é significativamente condicionada pela experiência sociolinguística de cada indivíduo, designadamente pela quantidade e pela qualidade da exposição linguística às línguas-alvo (Unsworth 2016a). De facto, a heterogeneidade de contextos sociolinguísticos em que a aquisição bilingue ocorre leva a variação na quantidade e na qualidade do *input* a que as crianças bilingues são expostas no dia-a-dia, o que origina, por sua vez, variação individual nos níveis de desenvolvimento linguístico das línguas em aquisição, sobretudo no da língua minoritária (também designada por língua de herança/LH; cf. Montrul 2016). Para avaliação do efeito da experiência linguística sobre o desenvolvimento bilingue, os estudos recorrem, geralmente, a questionários sociolinguísticos, os quais permitem ao investigador traçar o perfil sociolinguístico dos sujeitos em análise, bem como obter informações cruciais sobre variáveis preditivas do desenvolvimento bilingue (veja-se Unsworth 2019). No presente artigo, apresentamos um questionário sociolinguístico, em língua portuguesa, desenvolvido para a recolha de dados sobre a experiência sociolinguística de crianças bilingues, entre os seis e os dez anos de idade, com *background* migratório – o Questionário Sociolinguístico Parental para Famílias Emigrantes Bilingues (QuesFEB). Este questionário parental, destinado a investigadores que desenvolvem estudos na área do bilinguismo de herança, tem como principal objetivo recolher informações biográficas e sociolinguísticas que permitam não só caracterizar detalhadamente o contexto em que as crianças bilingues adquirem a língua de herança, mas também, e principalmente, quantificar a sua experiência linguística na língua-alvo, de modo a tornar possível a avaliação do efeito que variáveis relacionadas com a quantidade e a qualidade do *input* exercem sobre a mesma. Além da descrição detalhada do conteúdo das secções que compõem o QuesFEB, apresentar-se-á, pormenorizadamente, o método de codificação e de cálculo de quatro variáveis-chave que têm sido consideradas preditivas do desenvolvimento de uma LH, designadamente: (i) a quantidade de uso (i.e., *input* e *output*) da LH no contexto doméstico na atualidade; (ii) a quantidade de exposição acumulada à LH no agregado familiar; (iii) a quantidade de uso (i.e., *input* e *output*) da LH com avós emigrantes falantes nativos da língua de origem; e (iv) a riqueza da exposição linguística à LH.

PALAVRAS-CHAVE
questionário sociolinguístico parental; bilinguismo infantil; língua de herança; crianças falantes de herança; experiência sociolinguística

1. Introdução

Nas últimas décadas, inúmeros estudos na área da aquisição de duas (ou mais) línguas durante a infância têm-se centrado no desenvolvimento linguístico das segundas e terceiras gerações de emigrantes de diferentes países de origem, isto é, no desenvolvimento linguístico de falantes de herança (FH) de diversas línguas-alvo (veja-se Gathercole 2014; Montrul 2016).

Os FH correspondem a um perfil específico de falantes bilingues precoces que crescem expostos à língua de origem da família emigrante – a língua de herança (LH) – e, simultânea ou sequencialmente, à língua do país de acolhimento, também designada por língua maioritária (Benmamoun, Montrul & Polinsky 2013). Sendo expostos à LH desde o nascimento, adquirindo-a, portanto, como língua materna (L1), os FH podem ser categorizados entre falantes bilingues *simultâneos* ou *sequenciais* segundo a idade de início de exposição à língua da sociedade maioritária (Rothman 2009). Assim, se os FH entrarem simultaneamente em contacto com a língua da família emigrante e a língua do país de acolhimento desde a nascença, ou até aos três/quatro anos (Meisel 2008), estamos a referir-nos a falantes bilingues simultâneos; se, por outro lado, estes começam a receber *input* da língua maioritária após os alicerces da L1 estarem estabelecidos, estamos perante falantes bilingues sequenciais.

Por ser sociopoliticamente minoritária, a LH é tipicamente adquirida sob condições de *input* linguístico reduzido, estando o seu uso geralmente limitado às interações comunicacionais no seio da família e da comunidade emigrante existente no país de acolhimento, a qual, por sua vez, pode ser demograficamente bastante significativa (e.g., a comunidade emigrante turca na Alemanha; a hispânica, nos EUA; a russa, em Israel; e a portuguesa, em França) ou, então, pouco expressiva (e.g., a comunidade alemã em Portugal; a comunidade portuguesa na Finlândia). Já a língua maioritária, usufruindo geralmente de estatuto oficial, é adquirida em contextos de

comunicação muito diversificados. É a língua principal da escolarização, da administração pública, dos *media* e das relações sociais fora do núcleo familiar (Benmamoun *et al*. 2013), podendo também ser uma das línguas faladas em contexto doméstico, não só em casos de bilinguismo simultâneo, como também em famílias que, por opção, ou pressionadas socialmente a assimilarem-se à cultura dominante, começam progressivamente a introduzi-la no quotidiano familiar (De Houwer 2017; Rothman 2009).

Para além das limitações impostas pelo estatuto sociopolítico que a LH detém na sociedade de acolhimento, a experiência sociolinguística dos falantes bilingues relativamente ao uso desta língua no seio familiar e na comunidade emigrante é ainda caracterizada por variação (Unsworth 2019). Há variação não só no que diz respeito à quantidade de interlocutores falantes nativos da LH com os quais as crianças bilingues contactam no dia-a-dia (i.e., um ou ambos os progenitores, membros da família alargada residentes no país de acolhimento, membros da comunidade emigrante, etc.), como também no que se refere às oportunidades que as crianças têm para usar a LH em atividades culturais e de lazer oferecidas pela comunidade (i.e., serviços religiosos, convívios com compatriotas, grupos folclóricos, etc.) (Correia, Flores & Melo-Pfeifer submetido). Concomitantemente, a experiência sociolinguística dos falantes bilingues varia ainda em relação à frequência do ensino formal da LH, isto é, há crianças bilingues que têm a oportunidade de frequentar aulas extracurriculares desta língua ou, inclusivamente, uma escola de ensino bilingue, ao passo que outras crianças não têm acesso a instrução formal na LH na sua área de residência.

Naturalmente, a multiplicidade de contextos sociolinguísticos em que a aquisição bilingue ocorre origina variação individual não só relativamente à quantidade e à qualidade do *input* linguístico a que os falantes bilingues são expostos, mas também (e consequentemente) no que diz respeito ao grau de proficiência linguística que os mesmos alcançam na LH, o qual se pode encontrar mais próximo ou mais afastado dos padrões de desenvolvimento monolingue (Montrul 2016; Polinsky 2015).

Assim, ante a variação frequentemente observada na experiência sociolinguística e no nível de desenvolvimento linguístico dos falantes bilingues na LH, a investigação centrada na área do bi-/multilinguismo de herança tem investido na criação de instrumentos que permitam, por um

lado, avaliar o conhecimento linguístico destes falantes (veja-se Montrul 2016:180-188) e, por outro lado, caracterizar detalhadamente o seu perfil sociolinguístico e quantificar a sua experiência linguística (veja-se Kašćelan, Prevost, Serratrice, Tuller, Unsworth & De Cat 2020; Unsworth 2019).

Entre os instrumentos que têm sido desenvolvidos e utilizados para a recolha de informações sobre a experiência sociolinguística de crianças inseridas em contextos de aquisição bilingue, encontram-se os questionários sociolinguísticos parentais, os quais têm sido considerados ferramentas eficientes não só para a recolha de dados biográficos sobre os sujeitos bilingues, como também para a obtenção de dados quantificáveis sobre as suas práticas e experiências linguísticas (Codó 2008).

No presente artigo, apresentar-se-á um questionário sociolinguístico parental, o *Questionário Sociolinguístico Parental para Famílias Emigrantes Bilingues* (QuesFEB), desenvolvido para a avaliação da experiência sociolinguística de crianças falantes de herança entre os seis e os dez anos de idade. O QuesFEB distingue-se de outros questionários sociolinguísticos presentes na literatura por permitir recolher, num único instrumento de recolha de dados e em língua portuguesa, informações quantificáveis sobre diferentes componentes da experiência sociolinguística de falantes bilingues, em específico sobre: a quantidade de *input* e de *output* (na LH) no agregado familiar no presente; a quantidade de exposição à LH, no agregado familiar, desde o nascimento até ao presente; a qualidade da exposição linguística à LH (i.e., a riqueza do *input*); e a quantidade de uso (i.e., *input* e *output*) da LH entre as crianças bilingues e avós emigrantes falantes nativos da LH, uma componente sociolinguística raramente quantificada nos questionários parentais disponíveis na literatura. Para além disso, o QuesFEB destaca-se, ainda, por permitir recolher, de forma extensiva, informações sobre o cuidador da criança, designadamente sobre: as suas escolhas linguísticas no país de origem e em diversas esferas da sociedade maioritária; as suas vivências sociolinguísticas no país de acolhimento; as suas motivações, ou inibições, para a transmissão intergeracional da LH; e as estratégias implementadas nesse processo de transmissão.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na secção 2, abordar-se-ão, de forma breve, os principais fatores ambientais relacionados com a exposição linguística que têm sido considerados preditivos do

desenvolvimento linguístico de crianças falantes de herança e que têm estado na génese da criação de questionários sociolinguísticos direcionados para populações bilingues; na secção 3, focar-nos-emos num tipo específico de questionários sociolinguísticos, os questionários parentais, discutindo as suas valências e potencialidades na investigação sobre o desenvolvimento de LH; e, por fim, na secção 4, será feita uma caracterização detalhada do QuesFEB. Em específico, apresentaremos: (i) a sua origem e objetivo; (ii) a população-alvo; (iii) o modo de administração e duração; (iv) a constituição e o conteúdo; (v) e o método de codificação e de cálculo das variáveis de *input* preditivas do desenvolvimento linguístico.

2. Fatores ambientais preditivos do desenvolvimento de línguas de herança

A investigação empírica realizada com falantes de herança de diversas línguas tem demonstrado que, embora estes possam vir a alcançar, em idade adulta, níveis de proficiência linguística idênticos aos dos seus pares monolingues do país de origem, o ritmo de desenvolvimento linguístico da LH é fortemente condicionado pela quantidade e pela qualidade da exposição linguística à mesma.

Os efeitos da quantidade de *input* sobre a aquisição da LH têm sido constatados em vários domínios do saber linguístico, tais como o do léxico e o da morfossintaxe. No léxico, por exemplo, tem sido observado que os falantes de herança tendem a apresentar vocabulários produtivos e recetivos quantitativamente inferiores aos dos seus pares monolingues (Bialystok, Luk, Peets & Yang 2010; Cobo-Lewis, Pearson, Eilers & Umbel 2002; Correia & Flores 2017; Cote & Bornstein 2014, entre outros). Já no que diz respeito ao domínio da morfossintaxe, tem-se verificado que o processo de aquisição de algumas propriedades gramaticais das línguas-alvo tende a ser mais moroso (Flores & Barbosa 2014; Flores, Santos, Jesus & Marques 2017; Gathercole 2002; Rodina & Westergaard 2017, entre outros), podendo estas, inclusivamente, vir a não estar completamente estabilizadas em idade adulta.

Dos vários fatores que contribuem para a variação na quantidade de *input* que as crianças recebem no quotidiano e, consequentemente, para

o seu enquadramento ou afastamento dos padrões de desenvolvimento linguístico dos falantes monolingues da língua-alvo, destacam-se a constituição do agregado familiar e a presença de avós falantes nativos da LH no país de acolhimento. Quanto ao agregado familiar, tem sido documentado na literatura que, embora haja variação nos padrões de uso linguístico no ambiente doméstico, o desenvolvimento linguístico da LH é mais consistente quando os dois progenitores são falantes nativos da língua minoritária (Correia & Flores 2017; Rodina & Westergaard 2017). Também a existência/ausência de irmãos mais velhos no agregado familiar é apontada como variável preditiva do desenvolvimento na LH (Bridges & Hoff 2014). Assim, se, por um lado, o uso da LH tende a ser mais intensivo em lares em que os dois pais têm a LH como língua materna, por outro, a presença de irmãos mais velhos nos agregados familiares tende a promover o uso da língua maioritária, visto que os irmãos mais velhos costumam recorrer a esta língua com mais frequência nas interações diárias e são, em regra, os seus introdutores em famílias cuja única língua de comunicação costumava ser a de origem. Por sua vez, a presença de avós falantes nativos da LH no país de acolhimento tem sido apontada como um fator positivo para a transmissão da mesma (Ishizawa 2004; Zhang 2008). O facto de os avós emigrantes frequentemente apresentarem níveis de proficiência baixos na língua do país de acolhimento leva a que as interações intergeracionais ocorram sobretudo com recurso à língua de origem, aumentando, assim, as oportunidades de as crianças serem expostas a esta língua. Para além disso, em algumas famílias emigrantes, os avós fazem parte do agregado familiar ou, então, colaboram na educação dos netos, o que contribui significativamente para um uso mais regular da língua minoritária.

Outra variável importante da experiência linguística dos falantes bilingues que, estando também correlacionada com a quantidade de *input* (veja-se Pearson 2007), origina variação no desenvolvimento linguístico da LH é a própria produção linguística nesta língua por parte das crianças bilingues, isto é, o seu *output* na LH. Alguns estudos têm mostrado que a quantidade de *output* na LH está positiva e significativamente associada ao desempenho destes falantes em diversos testes de avaliação linguística (Bohman, Bedore, Peña, Mendez-Perez & Gillam 2010; Correia & Flores 2017; Unsworth 2012), isto é, os falantes de herança que fazem um uso

mais ativo da LH no quotidiano apresentam um desenvolvimento linguístico mais avançado do que aqueles que usam esta língua de forma menos ativa.

E, por fim, quanto à qualidade da exposição linguística à LH, a variação na diversidade e na complexidade do *input* a que os falantes de herança têm acesso no quotidiano também determina o nível de proficiência linguística na língua-alvo. De facto, vários estudos têm revelado que o desenvolvimento linguístico destes falantes na LH é significativamente influenciado não só pelo contacto com diferentes interlocutores falantes da LH (Gollan, Starr & Ferreira 2015; Place & Hoff 2016) e pela frequência do ensino formal desta língua (Bylund & Diaz 2012; Cobo-Lewis *et al*. 2002), como também pelo contacto com a LH através de atividades de lazer (Makarova, Terekhova & Mousavi 2019) e socioculturais (Gathercole & Thomas 2007).

3. Questionários parentais

Sendo o perfil dos falantes de herança determinado pelo contexto sociolinguístico em que a aquisição da língua de herança ocorre, os questionários sociolinguísticos tornam-se instrumentos indispensáveis para a realização de investigação na área do bi-/multilinguismo (Montrul 2016).

No caso específico de estudos centrados no desenvolvimento linguístico de crianças falantes de herança, os questionários sociolinguísticos tendem a ser aplicados, de forma direta ou indireta, ao cuidador da criança, sendo-lhe solicitado que forneça informações biográficas sobre o agregado familiar, bem como sobre a experiência sociolinguística não só da criança, mas também, de acordo com os objetivos de cada estudo, de outros indivíduos que contactem regularmente com a mesma.

Do leque de potenciais informações biográficas e sociolinguísticas que podem ser requisitadas através deste tipo de instrumentos de recolha de dados, destacam-se as que se encontram listadas na Tabela 1.

TABELA 1 – Informações biográficas e sociolinguísticas passíveis de serem recolhidas em questionários sociolinguísticos (adaptado de Codó 2008).

Informação biográfica	▪ idade (cronológica, de início de exposição às línguas-alvo, de emigração) ▪ local de nascimento ▪ género ▪ escolarização (número de anos, tipo de escola, língua(s) de instrução) ▪ profissão ▪ problemas de desenvolvimento (audição e/ou fala)
Uso linguístico	▪ línguas faladas com diferentes interlocutores (*input* e *output*) ▪ línguas faladas nas diversas esferas da sociedade ▪ línguas faladas em diferentes fases da vida dos participantes ▪ línguas utilizadas em diferentes atividades de lazer e socioculturais ▪ razões para as escolhas linguísticas
Proficiência linguística	▪ auto-/heteroavaliação da competência linguística na(s) língua(s)-alvo (compreensão oral/escrita; produção oral/escrita)
Atitudes e preferências linguísticas	▪ atitudes face aos falantes de uma determinada língua ▪ atitudes face ao uso das línguas-alvo nos vários domínios sociais ▪ grau de identificação com as línguas-alvo e culturas-alvo ▪ línguas preferidas
Transmissão/Aquisição linguística	▪ motivações para a transmissão/aquisição das línguas-alvo ▪ fatores que fomentam/inibem a transmissão/aquisição das línguas-alvo

Em relação às questões para a recolha destes dados, estas podem ser apresentadas em formato de questão fechada, aberta ou semiaberta/semifechada (Christensen, Johnson & Turner 2015). As questões de resposta fechada não permitem que o participante forneça informações para além do conjunto de opções de respostas pré-estabelecidas e variam geralmente entre questões de resposta única, de escolha múltipla e de escala. Já as questões de resposta aberta dão a oportunidade ao participante de responder de forma livre, não impondo limitações ao conteúdo das respostas. Por sua vez, as questões de resposta semiaberta/semifechada caracterizam-se por combinarem propriedades dos dois tipos de questões anteriores.

Em regra, a generalidade dos questionários parentais que são usados na área de investigação do bilinguismo recorre maioritariamente a questões fechadas, uma vez que, devido ao facto de as possibilidades de respostas serem padronizadas (i.e., limitadas a categorias predeterminadas), estas facilitam a codificação numérica dos dados recolhidos, sendo, portanto, adequadas para o tratamento quantitativo e estatístico dos mesmos (Dörnyei & Taguchi 2010).

Desta forma, através do recurso a este tipo de questões, o investigador consegue recolher dados quantificáveis que podem ser utilizados, por um lado, para a análise descritiva da população-alvo e do contexto sociolinguístico em que está inserida e, por outro lado, para as análises correlacionais entre as variáveis relacionadas com a experiência linguística dos participantes e os seus resultados em testes de avaliação de competências linguísticas. Salienta-se, contudo, que, embora não seja muito frequente, o recurso a questões abertas permite uma exploração mais aprofundada de determinadas temáticas (e.g., motivações para um determinado comportamento, razões para preferências linguísticas, etc.), podendo inclusivamente levar o investigador a identificar temas que não tinha antecipado (Codó 2008; Dörnyei & Taguchi 2010).

No que diz respeito à avaliação e quantificação da experiência linguística dos falantes bilingues, os diversos questionários parentais disponíveis variam não só quanto às variáveis-alvo que procuram aferir, como também relativamente ao método adotado para o cálculo das mesmas (veja-se Kašćelan *et al*. 2020).

De seguida, apresentar-se-ão alguns dos métodos adotados para a recolha e quantificação de componentes-chave da experiência sociolinguística de falantes bilingues, tendo por base dois questionários parentais, o *Alberta Language Environment Questionnaire* (ALEQ) de Paradis (2011) e o *Bilingual Language Experience Calculator* (BiLEC) de Unsworth (2013, 2016b), que têm sido amplamente usados em estudos centrados no bi-/multilinguismo (Chondrogianni & Schwartz 2020; Garraffa, Beveridge & Sorace 2015; Rezzonico, Goldberg, Milburn, Belletti & Girolametto 2017; Rodina & Westergaard 2017; Sorenson Duncan & Paradis 2020; entre outros) e que deram origem ao questionário sociolinguístico que será apresentado na secção 4.

3.1 Recolha e quantificação da experiência sociolinguística de falantes de herança

A componente da experiência linguística mais visada nos diferentes questionários parentais é, naturalmente, a exposição linguística da criança à(s) língua(s)-alvo no presente. No entanto, apesar de esta componente ser comum à generalidade destes questionários, o modo como a sua avaliação é operacionalizada varia de instrumento para instrumento. Por exemplo, no *Alberta Language Environment Questionnaire* de Paradis (2011), um questionário parental direcionado para cuidadores de crianças bilingues sequenciais em idade escolar, a autora conjuga a quantidade de *input* da língua-alvo que as crianças recebem dos membros do agregado familiar com a quantidade de *output* que as mesmas produzem para estes membros para criar uma medida composta de uso linguístico no presente. Para a quantificação da exposição e da produção linguística no agregado familiar, Paradis (2011) recorre às estimativas parentais fornecidas em escalas de 5-pontos (e.g., *Mother tongue always/English never = 0*; *Mother tongue usually/English seldom = 1*; *Mother tongue 50%/English 50% = 2*; *Mother tongue seldom/English usually = 3*; *Mother tongue almost never/ English almost always = 4*). Num outro questionário, o *Bilingual Language Experience Calculator* de Unsworth (2013, 2016b), destinado a cuidadores de falantes bilingues simultâneos ou sequenciais entre os dois e os dezoito anos de idade, a autora avalia a quantidade de *input* e de *output* na língua-alvo em separado. Para a quantidade de exposição linguística à língua-alvo, este questionário, que se faz acompanhar de um ficheiro *Excel* de cálculo automático, disponibiliza quatro medidas: (i) quantidade de *input* apenas no agregado familiar; (ii) quantidade de *input* no agregado familiar e em instituições (pré-)escolares; (iii) quantidade de *input* no agregado familiar, em instituições (pré-)escolares e de outras fontes, tais como atividades extracurriculares, *media* e amigos; e (iv) quantidade de *input* proveniente de todas as fontes anteriores, bem como a quantidade de exposição linguística durante o período de férias. Já a quantidade de *output* na língua-alvo é avaliada apenas no contexto doméstico. Salienta-se ainda que, embora quer o ALEQ quer o BiLEC utilizem os valores obtidos em escalas de 5-pontos para quantificar a exposição e a produção linguística dos participantes, o

BiLEC inclui ainda, nas fórmulas de cálculo, o número de horas diárias em que o participante está acordado, o número de horas que cada interlocutor passa com o participante, bem como o número de horas de exposição a fontes de *input* externas ao ambiente doméstico e escolar.

Devido à variação na quantidade de *input* que pode ocorrer ao longo da vida das crianças bilingues, alguns questionários parentais procuram também avaliar a quantidade de exposição acumulada à(s) língua(s)-alvo desde o nascimento até à idade atual das crianças (e.g., Cohen, Bauer & Minniear 2021, Gutiérrez-Clellen & Kreiter 2003; Unsworth 2013, 2016b). Para o efeito, questionários como o BiLEC solicitam, para cada ano de vida da criança, informações sobre a quantidade de *input* da língua-alvo que a criança recebeu de cada membro do agregado familiar, bem como sobre a sua frequência de creches ou instituições (pré-)escolares e a(s) língua(s) usada(s) nestes contextos. Com base nestes dados, torna-se possível, então, determinar a proporção de uso de uma dada língua em cada ano etário e calcular a exposição acumulada a essa língua ao longo da vida da criança.

Além da quantidade de exposição no presente e no passado, outra componente da experiência linguística dos falantes bilingues que tem vindo a ser avaliada nos questionários parentais é a qualidade da exposição linguística (Paradis 2011; Tuller 2015; Unsworth 2016b). No ALEQ, a qualidade da exposição linguística é quantificada através de uma medida composta – *richness score* – que avalia não só a frequência semanal com que a criança contacta com a língua-alvo em atividades relacionados com os *media* (e.g., ler livros/revistas, usar o computador, ver televisão, etc.) e em atividade extracurriculares, mas também a quantidade de uso desta língua entre a criança e os amigos com quem brinca regularmente. Cumulativamente, no caso de a língua-alvo corresponder à língua minoritária, esta variável composta avalia ainda a frequência do ensino formal nesta língua. Já o BiLEC, por sua vez, apresenta várias medidas para a avaliação da qualidade do *input* (para uma descrição detalhada das medidas geradas e das fórmulas de cálculo, veja-se Unsworth 2016b), destacando-se a que conjuga a quantidade de exposição linguística à(s) língua(s)-alvo com a proficiência linguística dos seus provedores, sendo esta avaliada, pelo cuidador da criança, em escalas de 6-pontos que variam entre *nenhuma fluência* (0) e *fluência nativa* (5).

4. Questionário sociolinguístico parental para famílias emigrantes bilingues

Na presente secção, será apresentado, de forma detalhada, o QuesFEB - Questionário Sociolinguístico Parental para Famílias Emigrantes Bilingues, sendo descrita a sua origem e objetivo, a população-alvo a que se destina, os procedimentos de administração, assim como a sua estrutura e metodologia de quantificação.[2]

4.1 Origem e objetivo

O QuesFEB foi desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação centrado na influência de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças falantes de herança do Português Europeu (Correia, em preparação). Trata-se de um questionário parental detalhado, elaborado a partir do trabalho de Paradis (2011), Schmid & Dusseldorp (2010) e Unsworth (2013)[3], que tem como objetivo primordial a recolha de dados biográficos e sociolinguísticos que permitam, por um lado, realizar uma caracterização pormenorizada do contexto em que as crianças bilingues adquirem a língua de herança e, por outro lado, quantificar a experiência linguística destes falantes de modo a ser possível correlacioná-la, através da constituição de diversas variáveis-chave, com o seu desenvolvimento linguístico na língua de origem.

4.2 População-alvo

O QuesFEB destina-se a investigadores que pretendam conduzir estudos centrados na aquisição de línguas de herança por crianças bilingues entre os seis e os dez anos de idade. Salienta-se ainda que, embora tenha sido concebido para a recolha de dados sociolinguísticos de crianças falantes

---

[2] O questionário está disponível, em acesso aberto, no Repositório de Dados da Universidade do Minho (https://doi.org/10.34622/datarepositorium/1JSLNQ).

[3] As questões e fórmulas de cálculo para as variáveis INPUT.LH.AF, OUTPUT.LH.AF e RIQUEZA.INPUT (subsecções 4.5.1 e 4.5.4) foram adaptadas de Paradis (2011); já as questões relacionadas com a variável QEA (subsecção 4.5.2) foram adaptadas de Unsworth (2013), tendo-se simplificado a fórmula de cálculo da mesma; por fim, do questionário sociolinguístico de Schmid & Dusseldorp (2010), adaptaram-se as questões relacionadas com os padrões de uso linguístico do cuidador da criança no país de acolhimento, a valorização da transmissão da LH e a identificação cultural com a cultura de origem e a da sociedade de acolhimento (primeira secção do questionário parental).

de herança do Português Europeu residentes na Alemanha e em França, o QuesFEB pode ser adaptado para famílias emigrantes a viver em outros países de acolhimento e com outras línguas de origem.

4.3 Modo de administração e duração

O QuesFEB é um questionário de autoadministração, i.e., para ser preenchido por um dos pais da criança, e demora cerca de 20 minutos a ser completado.

Por não ser preenchido na presença do investigador, este deve manter o contacto dos participantes para que seja possível completar informação em falta, no caso de o questionário ser devolvido com questões não respondidas.

É ainda importante destacar que o facto de o QuesFEB ter sido desenhado para ser preenchido de forma autónoma pelos cuidadores das crianças bilingues (contrariamente, por exemplo, ao ALEQ e ao BiLEC) pode torná-lo vantajoso não só para o cuidador da criança, que o pode preencher de acordo com a sua disponibilidade, como também para o próprio investigador, que, não tendo de agendar entrevistas com o cuidador, não necessita de despender de muito tempo para a sua aplicação.

4.4 Constituição e conteúdo

O QuesFEB é constituído por três secções: as duas primeiras partes direcionadas à recolha de informações biográficas e sociolinguísticas sobre os pais da criança e uma última parte centrada na recolha de dados sobre a criança.

Em relação à primeira secção, focada no cuidador que está a preencher o questionário, solicitam-se não só dados biográficos sobre o mesmo (e.g., idade, país de nascimento, duração da estadia no país de acolhimento, país e região de origem dos progenitores, nível de escolaridade, entre outros), como também informações sociolinguísticas relacionadas com os padrões de uso da língua de herança e da língua maioritária no país de acolhimento e no país de origem, a importância atribuída à transmissão intergeracional da língua de origem e a existência de atitudes societais desfavoráveis a este processo. Para além disso, o cuidador é ainda questionado sobre as

estratégias implementadas na transmissão da língua de origem, bem como sobre as razões que motivam/inibem este processo.

No que se refere à segunda secção, centrada no progenitor da criança que não está a preencher o questionário, solicitam-se apenas informações biográficas idênticas às requeridas na primeira secção. Uma vez que este progenitor poderá não ter um *background* migratório, ou, inclusivamente, não estar inserido no agregado familiar da criança, esta parte do questionário não recolhe dados sociolinguísticos relacionados com os padrões de uso da língua de herança, nem com a sua transmissão.

Por fim, no que diz respeito à última secção do questionário, além de se requisitar dados biográficos sobre a criança e eventuais irmãos da mesma (e.g., data e país de nascimento, idade de emigração), bem como sobre a existência de problemas de desenvolvimento relacionados com a audição e/ou a fala, solicita-se que o cuidador forneça informações sobre a experiência sociolinguística da criança, nomeadamente sobre: a idade e o contexto em que esta teve contacto pela primeira vez com cada uma das línguas em aquisição; a quantidade de *input,* na LH, que a criança recebe de cada membro do agregado familiar e a quantidade de *output*, nesta língua, que a criança produz para os mesmos na atualidade; a quantidade de *input* da LH que a criança recebeu de cada membro do agregado familiar no passado; os padrões de uso da LH e da língua maioritária com falantes nativos da língua de origem residentes no país de acolhimento (e.g., avós e amigos); a frequência de uso da LH através de atividades relacionadas com os *media* (e.g., ver televisão, ler, etc.); a participação em atividades culturais e de lazer, na LH, no seio da comunidade emigrante; o acesso ao ensino formal da LH; a periodicidade das visitas ao país de origem e a frequência com que a criança usa a LH neste contexto. Adicionalmente, solicita-se ainda que o cuidador avalie a proficiência linguística da criança quanto à produção e à compreensão oral na LH.

Deste modo, com os dados fornecidos pelo cuidador, torna-se possível fazer a caracterização detalhada do contexto sociolinguístico em que a aquisição da LH ocorre, bem como obter os dados que permitem quantificar alguns dos principais fatores de *input* que têm sido considerados preditivos do desenvolvimento bilingue. Para além disso, a recolha dos dados centrados no cuidador da criança que preenche o questionário torna ainda

possível realizar uma exploração das suas escolhas linguísticas e vivências sociolinguísticas que possam ter um impacto, negativo ou positivo, no processo de transmissão/manutenção da língua de origem.

4.5 Método de codificação e cálculo das variáveis de *input* preditivas do desenvolvimento linguístico

4.5.1 Quantidade de uso da língua de herança no contexto doméstico na atualidade

O uso da LH no contexto doméstico é avaliado através de duas variáveis: (i) quantidade de *input* da LH no agregado familiar (INPUT.LH.AF) e (ii) quantidade de *output* na LH no agregado familiar (OUTPUT.LH.AF).

Para o cálculo dos valores destas variáveis-alvo, o investigador deve recorrer aos dados das questões n.º 12 e n.º 13 da terceira secção do questionário, nas quais se solicita ao cuidador que avalie, numa escala de 5-pontos, não só a frequência com que cada um dos membros do agregado familiar usa a LH para comunicar com a criança (questão n.º 12), como também a frequência com que a criança utiliza esta língua para interagir com cada um desses membros (questão n.º 13).

De seguida, o investigador deve atribuir, às respostas assinaladas na escala de 5-pontos, os valores das medidas quantitativas que se encontram na Tabela 2.

TABELA 2 – Conversão das categorias da escala de 5-pontos das questões n.º 12, n.º 13, n.º 28, n.º 29 e n.º 30 em medidas quantitativas.

Categorias da escala	*Medidas quantitativas*
"Nunca (0%)"	0.00
"Raramente (25%)"	0.25
"Às vezes (50%)"	0.50
"Frequentemente (75%)"	0.75
"Sempre (100%)"	1.00

Após a atribuição dos valores quantitativos às respostas fornecidas, a quantidade de *input* da LH no agregado familiar é calculada através da Fórmula 1, em que *a* é a soma dos valores de *input* de cada membro do agregado familiar com idade superior a dois anos (seguindo Paradis 2011) e *b* é o número de membros do agregado familiar, sem se contabilizar a criança em estudo, com idades também superiores a dois anos.

(1) $\mathrm{INPUT.LH.AF} = \frac{a}{b}$

A quantidade de *output* na LH no agregado familiar é, por seu turno, determinada através da Fórmula 2, em que *a* representa a soma dos valores de *output* para cada membro do agregado familiar com idade superior a dois anos e *b* corresponde ao número de membros do agregado familiar, excluindo-se a criança em análise, com idade superior a dois anos.

(2) $\mathrm{OUTPUT.LH.AF} = \frac{a}{b}$

Para as duas variáveis-alvo, os valores calculados podem variar entre o mínimo de 0 (i.e., 0% de *input*/*output* da LH) e o máximo de 1 (i.e., 100% de *input*/*output* da LH).

4.5.2 Quantidade de exposição acumulada à língua de herança no agregado familiar

O cálculo da quantidade de exposição acumulada (QEA) à LH, isto é, da quantidade de *input* da LH, medida em meses, a que a criança foi exposta no agregado familiar desde o nascimento até à sua idade atual, é realizado em três etapas.

Na primeira etapa, o investigador deve recorrer aos dados fornecidos nas questões n.º 28, n.º 29 e n.º 30 da terceira secção do questionário, nas quais se solicita ao cuidador que avalie, numa escala de 5-pontos semelhante à da Tabela 2, a frequência com que cada membro do agregado familiar usava a LH para comunicar com a criança em três períodos temporais anteriores ao atual, designadamente: (a) desde o nascimento da criança até esta fazer três anos (questão n.º 28); (b) desde os três anos até a criança fazer seis

anos (questão n.º 29); e (c) desde os seis anos até à idade anterior à atual (i.e., anterior ao presente ano etário), caso a criança tenha idade superior a seis anos (questão n.º 30). Com os dados fornecidos nestas três questões, o investigador deve, num primeiro momento, determinar, para cada ano de vida da criança, a quantidade de *input* da LH a que a criança foi exposta no agregado familiar, através de uma fórmula idêntica à utilizada com a variável INPUT.LH.AF (i.e., Fórmula 1). De seguida, partindo do pressuposto de que a quantidade máxima de *input* da LH num ano (i.e., 1.00) equivale a 12 meses de exposição, o investigador deve converter a quantidade de *input* recebido em cada ano em meses de exposição, através da Fórmula 3, em que *a* representa a quantidade de *input* apurada para cada ano de vida, *b* corresponde à quantidade máxima possível de meses de exposição num ano (i.e., 12 meses), e *c* é a quantidade máxima de *input* possível (i.e., 1.00) de acordo com os valores apresentados na Tabela 2.

$$(3)\ \text{meses de exposição por ano (no passado)} = \frac{a \times b}{c}$$

Por fim, e ainda dentro desta primeira etapa, o investigador deve proceder ao somatório dos meses de exposição linguística apurados para cada ano de vida da criança anterior à sua idade atual.

Na segunda etapa, o investigador deve recorrer aos valores da variável INPUT.LH.AF, relativa à quantidade de *input* da LH na atualidade, para determinar a quantidade de meses de exposição linguística à LH no presente ano etário e, posteriormente, adicioná-los aos meses de exposição já apurados. Para tal, e partindo da premissa de que 100% do *input* da LH na atualidade equivale a um número de meses de exposição igual à quantidade de meses de vida da criança no ano etário em que se encontra, o investigador deve proceder ao cálculo dos meses de exposição em falta através da Fórmula 4, em que *a* é o valor apurado na variável INPUT.LH.AF, *b* corresponde à quantidade máxima possível de meses de exposição no presente ano etário (i.e., a quantidade de meses de vida da criança no ano etário em que se encontra), e *c* representa a quantidade máxima de *input* possível (i.e., 1.00), segundo os valores expostos na Tabela 2.

$$(4)\ \text{meses de exposição (no presente ano etário)} = \frac{a \times b}{c}$$

Na última etapa, o investigador deve somar os meses de exposição linguística do passado aos do presente. O resultado desta operação constitui o valor da variável QEA, isto é, a quantidade de *input* da LH, em meses, a que a criança foi exposta ao longo da sua vida por meio dos membros do agregado familiar. Para uma melhor clarificação do cálculo da variável QEA, apresenta-se, na Tabela 3, um exemplo do valor obtido para uma criança com a idade cronológica de 8;04.

TABELA 3 – Resultado do cálculo da variável QEA para uma criança com a idade cronológica de 8;04.

	Período I			Período II			Período III		Presente	
Anos	1	2	3	4	5	6	7	8		
Meses	0-12	12-24	24-36	36-48	48-60	60-72	72-84	84-96	96-100	
(1)	1.00	1.00	1.00	0.85	0.85	0.85	0.85	0.85	0.80	**QEA**
(2)	12.00	12.00	12.00	10.20	10.20	10.20	10.20	10.20	3.20	90.2

Nota. (1) = quantidade de input da LH; (2) = quantidade de exposição linguística à LH em meses.

4.5.3 Quantidade de uso da língua de herança com avós emigrantes falantes nativos da língua de origem

O uso da LH entre a criança e avós emigrantes falantes nativos desta língua é avaliado através de duas variáveis: (i) quantidade de *input* da LH que a criança recebe destes familiares no dia-a-dia (INPUT.LH.AVÓS) e (ii) quantidade de *output* na LH que a criança produz para estes interlocutores (OUTPUT.LH.AVÓS).

Para calcular os valores para estas duas variáveis, o investigador deve recorrer aos dados das questões n.º 14, n.º 15, n.º 16 e n.º 17 da terceira secção do questionário, nas quais se solicita ao cuidador não só que indique os avós falantes nativos da LH que residem no país de acolhimento (fora do agregado familiar) e a frequência semanal com que os mesmos contactam

com a criança (questões n.º 14 e n.º 15, respetivamente), como também que especifique, numa escala de 5-pontos, a quantidade relativa de *input* da LH e da língua maioritária que a criança recebe de cada um desses avós (questão n.º 16) e a quantidade relativa de *output*, nestas línguas, que a criança produz para os mesmos (questão n.º 17). Os valores que serão atribuídos às variáveis INPUT.LH.AVÓS e OUTPUT.LH.AVÓS resultam da conjugação dos dados fornecidos nestas quatro questões e o seu cálculo realiza-se em três etapas.

Na primeira etapa, o investigador deve pontuar as respostas assinaladas na escala de 5-pontos de acordo com as medidas quantitativas que se encontram na Tabela 4.

TABELA 4 – Conversão das categorias da escala de 5-pontos das questões n.º 16 e n.º 17 em medidas quantitativas.

Categorias da escala	*Medidas quantitativas*
"Apenas X"	0.00
"Mais X do que Y"	0.25
"Y e X em quantidades iguais"	0.50
"Mais Y do que X"	0.75
"Apenas Y"	1.00

Nota. X = língua maioritária; Y = língua de herança.

De seguida, o investigador deve proceder ao cálculo da quantidade de *input* que a criança recebe de cada avô (INPUT.AVÔ.IND) e da quantidade de *output* que a criança produz também para cada um (OUTPUT.AVÔ.IND), semanalmente. O cálculo da variável INPUT.AVÔ.IND é efetuado através da Fórmula 5, em que *a* corresponde à quantidade de *input* avaliada segundo os parâmetros da Tabela 4, *b* representa o número de dias por semana em que a criança convive com o avô e *c* é o número de dias possíveis numa semana (i.e., sete dias).

(5) $\mathbf{INPUT.AVÔ.IND} = a \times \left(\frac{b}{c}\right)$

Por sua vez, o cálculo da variável OUTPUT.AVÔ.IND realiza-se através da Fórmula 6, em que *a* corresponde, desta vez, à quantidade de *output* avaliada segundo os critérios da Tabela 4, *b* representa o número de dias por semana em que a criança convive com o avô e *c* é o número de dias possíveis numa semana (i.e., sete dias).

(6) $\text{OUTPUT.AVÔ.IND} = a \times \left(\frac{b}{c}\right)$

Na última etapa, o investigador determina os valores para as variáveis INPUT.LH.AVÓS e OUTPUT.LH.AVÓS através das Fórmulas 7 e 8, respetivamente. Na Fórmula 7, *a* corresponde à soma dos valores da quantidade de *input* proveniente de cada avô e *b* representa o número de avós falantes nativos da LH residentes no país de acolhimento. Na Fórmula 8, por seu turno, *a* equivale à soma dos valores da quantidade de *output* para cada avô e *b* é o número de avós falantes nativos da LH residentes no país de acolhimento.

(7) $\text{INPUT.LH.AVÓS} = \frac{a}{b}$

(8) $\text{OUTPUT.LH.AVÓS} = \frac{a}{b}$

Para as duas variáveis-alvo, os valores podem variar entre o mínimo de 0 e o máximo de 1, sendo que, quanto mais próximo de 1 está o valor, maior é o contacto semanal e a interação linguística na LH entre os avós e a criança.

4.5.4 Riqueza da exposição linguística à língua de herança

A riqueza da exposição linguística da criança à língua de herança (RIQUEZA.INPUT), i.e., a qualidade da exposição linguística, é avaliada através dos dados recolhidos nas questões n.º 18, n.º 19, n.º 21, n.º 22, n.º 24 e n.º 25 da terceira secção do questionário, as quais solicitam informações sobre a experiência sociolinguística da criança em diversos domínios do quotidiano, nomeadamente sobre: (i) a frequência de contacto semanal com a língua de herança por meio de atividades relacionadas com os *media* (i.e.,

ver televisão, ler livros, etc.); (ii) a participação em atividades culturais e de lazer promovidas pela comunidade emigrante; (iii) o uso da língua de herança na convivência com amigos falantes desta língua residentes no país de acolhimento; e (iv) a frequência do ensino formal da língua de herança.

Para calcular o valor desta variável composta, o investigador deve, primeiramente, pontuar a experiência sociolinguística da criança nos quatro domínios do quotidiano, seguindo os critérios apresentados na Tabela 5, e, de seguida, somar os pontos atribuídos e dividir o total pela pontuação máxima possível (i.e., 40).

TABELA 5 – Medidas quantitativas para a pontuação dos domínios que compõem a variável RIQUEZA.INPUT.

Domínios (Questões)	*Categorias*	*Medidas quantitativas*	*Pontuação máxima possível*
(i) *Media* (n.º 18)	Nunca	0	25 pontos[a]
	1 dia por semana	1	
	2 dias por semana	2	
	3 ou 4 dias por semana	3	
	5 ou 6 dias por semana	4	
	Todos os dias	5	
(ii) Atividades[b] (n.º 22.1)	Nenhuma	0	7 pontos
	Uma atividade	1	
	Duas atividades	2	
	Três atividades	3	
	Quatro atividades	4	
	Cinco atividades	5	
	Seis atividades	6	
	Mais de seis atividades	7	
(iii) Amigos (n.º 19 e n.º 21)	Não tem amigos ou Apenas X	0	4 pontos
	Mais X do que Y	1	
	Y e X em quantidades iguais	2	
	Mais Y do que X	3	
	Apenas Y	4	

(iv) Ensino formal (n.º 22.1, n.º 24 e n.º 25)	A criança recebe pouca ou nenhuma instrução formal em Y.	0	4 pontos
	A criança frequenta aulas de Y, de carácter extracurricular, uma vez por semana ou até 1h30m por semana.	1	
	A criança frequenta aulas de Y, de carácter extracurricular, mais do que uma vez por semana ou mais do que 1h30m por semana.	2	
	A criança frequenta uma escola bilingue em que as aulas são dadas maioritariamente na língua do país de acolhimento.	3	
	A criança frequenta uma escola bilingue em que as aulas são dadas maioritariamente em Y.	4	

Nota. [a] Máxima pontuação possível tendo em conta o número de atividade listadas (= 5); [b] As atividades relacionadas com o ensino formal da LH não são contabilizadas neste parâmetro, mas no (iv); X = língua do país de acolhimento; Y = língua de herança.

O resultado desta operação pode variar entre o mínimo de 0 e o máximo de 1, sendo que, quanto mais próximo de 1 estiver o valor, maior será a diversidade e a complexidade do *input* que a criança recebe no quotidiano.

5. Considerações finais

O presente instrumento de recolha de dados sobre a experiência linguística de crianças bilingues pretende colmatar a inexistência de um instrumento deste género em língua portuguesa, desenvolvido para o estudo de crianças lusodescendentes, mas com o potencial de ser adaptado ao estudo de falantes de herança de outras variedades do português.

No presente artigo focámos a sua potencialidade de medição do contacto que as crianças bilingues, oriundas de famílias emigrantes (portuguesas), têm com a sua LH. Neste sentido, foi detalhado o procedimento de quantificação das quatro variáveis que têm sido apontadas como sendo

as mais influentes no desenvolvimento da língua de origem. Contudo, o questionário permite, também, extrair informação sobre o grau de contacto com a língua maioritária através da análise de variáveis como o início de exposição à língua maioritária, o número de elementos do agregado familiar que usam a língua maioritária na comunicação doméstica e a escolarização, exclusiva ou não, nessa língua. Uma vez que, em regra, a língua maioritária é a principal língua de socialização da criança fora da família e, como discutido na introdução, a variação na quantidade de *input* desta língua é menor do que na da LH, a influência de variáveis ambientais sobre o desenvolvimento da língua maioritária tem um peso consideravelmente menor do que na língua minoritária (Gathercole & Thomas 2009), sobretudo na faixa etária coberta pelo questionário apresentado (6 a 10 anos). Como tal, não é recomendado para estudos focados no desenvolvimento bilingue em faixas etárias mais novas (até aos 5 anos), que pretendem investigar a influência dos fatores individuais sobre o desenvolvimento de ambas as línguas da criança bilingue.

Referências

Benmamoun, E., Montrul, S. & Polinsky, M. 2013. Heritage languages and their speakers: opportunities and challenges for linguistics. *Theoretical Linguistics*. 39(3-4): 129-181.

Bialystok, E., Luk, G., Peets, K. F. & Yang, S. 2010. Receptive vocabulary differences in monolingual and bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*. 13: 525-531.

Bohman, T. M., Bedore, L. M., Peña, E. D., Mendez-Perez, A. & Gillam, R. B. 2010. What you hear and what you say: Language performance in Spanish-English bilinguals. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*. 13(3): 325-344.

Bridges, K. & Hoff, E. 2014. Older sibling influences on the language environment and language development of toddlers in bilingual homes. *Applied Psycholinguistics*. 35: 225-241.

Bylund, E. & Díaz, M. 2012. The effects of heritage language instruction on first language proficiency: a psycholinguistic perspective. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*. 15(5): 593-609.

Chondrogianni, V. & Schwartz, R. G. 2020. Case marking and word order in Greek

heritage children. *Journal of child language*. 47(4): 766-795.

Christensen, L. B., Johnson, R. B. & Turner, L. A. 2015. *Research methods, design, and analysis*. Harlow, England: Pearson.

Cobo-Lewis, A., Pearson, B., Eilers, R. & Umbel, V. 2002. Effects of bilingualism and bilingual education on oral and written Spanish skills: a multifactor study of standardized test outcomes. In: D. K. Oller & R. Eilers (Eds.). *Language and literacy in bilingual children*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 98-117.

Codó, E. 2008. Interviews and Questionnaires. In: L. Wei & M. G. Moyer (Eds.). *The Blackwell guide to research methods in bilingualism and multilingualism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 158-176.

Cohen, C., Bauer, E. & Minniear, J. 2021. Exploring how language exposure shapes oral narrative skills in French-English emergent bilingual first graders. *Linguistics and Education*. 63: 100905. https://doi.org/10.1016/j.linged.2021.100905

Correia, L. em preparação. *A influência de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças bilingues. Um estudo sobre falantes de herança do Português Europeu residentes em diferentes contextos migratórios*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.

Correia, L. & Flores, C. 2017. The Role of Input Factors in the Lexical Development of European Portuguese as a Heritage Language in Portuguese-German Bilingual Speakers. *Languages*. 2: 30. https://doi.org/10.3390/languages2040030

Correia, L., Flores, C. & Melo-Pfeifer, S. (submetido). O Ensino (do) Português na Alemanha: um foco nos falantes de herança. In: F.C. Olmo, S. Melo-Pfeifer & S. Souza (Eds.). *O que quer, o que pode esta língua: contextos, estatutos e práticas de ensino do Português Língua Não Materna numa visão crítica*. Porto: Universidade do Porto.

Cote, L. R. & Bornstein, M. H. 2014. Productive vocabulary among three groups of bilingual American children: comparison and prediction. *First Language*. 34: 467-485.

De Houwer, A. 2017. Minority Language Parenting in Europe and Children's Well-Being. In: N. J. Cabrera & B. Leyendecker (Eds.). *Handbook on Positive Development of Minority Children and Youth*. Cham, Suíça: Springer, 231-246.

Dörnyei, Z. & Taguchi, T. 2010. *Questionnaires in Second Language Research: Construction, Administration and Processing* (2.ª ed.). New York: Routledge.

Flores, C. & Barbosa, P. 2014. When reduced input leads to delayed acquisition: a study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *International Journal of Bilingualism*. 18(3): 304-325.

Flores, C., Santos, A. L., Jesus, A. & Marques, R. 2017. Age and input effects in the acquisition of mood in Heritage Portuguese. *Journal of Child Language*. 44(4): 795-828.

Garraffa, M., Beveridge, M. & Sorace, A. 2015. Linguistic and Cognitive Skills in Sardinian–Italian Bilingual Children. *Frontiers in Psychology*. 6: 1898. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01898

Gathercole, V. C. M. 2002. Grammatical gender in bilingual and monolingual children: A Spanish morphosyntactic distinction. In: D. K. Oller & R. Eilers (Eds.). *Language and literacy in bilingual children*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 207-219.

Gathercole, V. C. M. 2014. Bilingualism matters: One size does not fit all. *International Journal of Behavioral Development*. 38: 359-366.

Gathercole, V. C. M. & Thomas, E. M. 2007. Factors contributing to language transmission in bilingual families: the core study–adult interviews. In: V. C. M. Gathercole (Ed.). *Language Transmission in Bilingual Families in Wales*. Cardiff: Welsh Language Board, 59-181.

Gathercole, V. C. M. & Thomas, E. M. 2009. Bilingual first-language development: dominant language takeover, threatened minority language take-up. *Bilingualism: Language and Cognition*. 12: 213-237.

Gollan, T. H., Starr, J. & Ferreira, V. S. 2015. More than use it or lose it: The number-of-speakers effect on heritage language proficiency. *Psychonomic Bulletin & Review*. 22(1): 147-155.

Gutiérrez-Clellen, V. F. & Kreiter, J. 2003. Understanding child bilingual acquisition using parent and teacher reports. *Applied Psycholinguistics*. 24(2): 267-288.

Ishizawa, H. 2004. Minority language use among grandchildren in multigenerational households. *Sociological Perspectives*. 47(4): 465-483.

Kašćelan, D., Prevost, P., Serratrice, L., Tuller, L., Unsworth, S. & De Cat, C. 2020. *A Review of questionnaires quantifying bilingual experience in children: do we document the same constructs*? Ms. https://doi.org/10.31219/osf.io/nry2s

Makarova, V., Terekhova, N. & Mousavi, A. 2019. Children's language exposure and parental language attitudes in Russian-as-a-heritage-language acquisition by bilingual and multilingual children in Canada. *International Journal of Bilingualism*. 23(2): 457-485.

Meisel, J. 2008. Child second language acquisition or successive first language acquisition? In: B. Haznedar & E. Gavruseva (Eds.). *Current trends in child second language acquisition: a generative perspective*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 55-80.

Montrul, S. 2016. *The acquisition of heritage languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

Paradis, J. 2011. Individual differences in child English second language acquisition: comparing child-internal and child-external factors. *Linguistic Approaches to Bilingualism*. 1(3): 213-237.

Pearson, B. Z. 2007. Social factors in childhood bilingualism in the United States. *Applied Psycholinguistics*. 28(3): 399-410.

Place, S. & Hoff, E. 2016. Effects and noneffects of input in bilingual environments on dual language skills in 2 ½-year-olds. *Bilingualism: Language and Cognition*. 19(5): 1023-1041.

Polinsky, M. 2015. Heritage languages and their speakers: State of the field, challenges, perspectives for future work, and methodologies. *Zeitschrift für Fremdsprachwissenschaft*. 26: 7-27.

Rezzonico S., Goldberg A., Milburn T., Belletti A. & Girolametto L. 2017. English Verb Accuracy of Bilingual Cantonese-English Preschoolers. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*. 48(3): 153-167.

Rodina, Y. & Westergaard, M. 2017. Grammatical gender in bilingual Norwegian-Russian acquisition: the role of input and transparency. *Bilingualism: Language and Cognition*. 20(1): 197-214.

Rothman, J. 2009. Understanding the Nature and Outcomes of Early Bilingualism: Romance Languages as Heritage Languages. *International Journal of Bilingualism*. 13(2): 155-63.

Schmid, M. S. & Dusseldorp, E. 2010. Quantitative analyses in a multivariate study of language attrition: the impact of extralinguistic factors. *Second Language Research*. 26(1): 125-160.

Sorenson Duncan, T. & Paradis, J. 2020. How does maternal education influence the linguistic environment supporting bilingual language development in child second language learners of English? *International Journal of Bilingualism*. 24(1): 46-61. https://doi.org/10.1177/1367006918768366

Tuller, L. 2015. Clinical use of parental questionnaires in multilingual contexts. In: S. Armon-Lotem, J. D. Jong & N. Meir (Eds). *Assessing multilingual children: disentangling bilingualism from language impairment*. Bristol: Multilingual Matters, 301-30.

Unsworth, S. 2012. Quantity-oriented and quality-oriented exposure variables in simultaneous bilingual acquisition. In: N. de Jong, K. Juffermans, M. Keijzer & L.

Rasier (Eds.). *Papers of the Anéla 2012 Applied Linguistics Conference*. Delft, The Netherlands: Eburon, 13-22.

Unsworth, S. 2013. Assessing the role of current and cumulative exposure in simultaneous bilingual acquisition: the case of Dutch gender. *Bilingualism: Language and Cognition*. 16(1): 86-110. https://doi.org/10.1017/S1366728912000284

Unsworth, S. 2016a. Quantity and Quality of Language Input in Bilingual Language Development. In: E. Nicoladis & S. Montanari (Eds.). *Bilingualism Across the Lifespan*. Berlin, Boston: De Gruyter, 103-122.

Unsworth, S. 2016b. *Bilingual Language Experience Calculator. Manual: Background and instructions for use*. Retirado da Internet a 26-03-2021. https://www.iris-database.org/iris/app/home/detail?id=york%3a928327&ref=search

Unsworth, S. 2019. Quantifying Language Experience in Heritage Language Development. In: M. Schmid & B. Köpke. (Eds.). *The Oxford handbook of first language attrition*. Oxford: Oxford University Press, 434-445.

Zhang, D. 2008. *Between two generations: Language maintenance and acculturation among Chinese immigrant families*. Texas, USA: LFB Scholarly Publishing LLC.

Recensões